

MONASTÉRIOS, ORDENS RELIGIOSAS E PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA COMUNIDADE GRECO-CATÓLICA DO LÍBANO¹

Rodrigo Ayupe Bueno da Cruz

Universidade Federal Fluminense – UFF

Palavras-chave: monastérios, identidades, Líbano

Introdução

Este trabalho destaca o papel dos monastérios *Couvent Saint Sauveur*² (*dayr almukhalliṣ*), convento principal da ordem salvatoriana, e o *Couvent Saint Jean Baptiste* (*dayr mār yūhannā*), convento principal da ordem chouerita, nos processos de construção identitária da Comunidade Greco-Católica³ no Líbano. No contexto multirreligioso e de diversidade cristã presente na sociedade libanesa, tais espaços sagrados se destacam como símbolos territoriais desta confissão, contribuindo para a delimitação das fronteiras em relação às outras comunidades e, por conseguinte, reforçando a sua identidade confessional. Ademais, a característica de ambos os monastérios como polos atrativos de fiéis de várias confissões faz com suas lideranças comunitárias produzam discursos afirmando a importância desses lugares como símbolos de uma identidade cristã.⁴

Monastérios são espaços sagrados privilegiados para a vivência do cristianismo no Oriente Médio haja vista o lugar que ocupam na devoção fiéis e na construção de suas identidades religiosas (Poujeau, 2014). Em linhas gerais, isso se explica pela identificação dos cristãos orientais com o monasticismo em virtude da tranquilidade e da beleza natural

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 6 de novembro de 2020.

² Utilizo o nome desses monastérios na língua francesa pelo fato da comunidade melquita os reconhecem dessa forma na maioria das vezes. Na porta principal e nas placas desses monastérios encontra-se tanto o nome em francês quanto em árabe mas adoto aqui a nomenclatura em francês por imaginar ser mais fácil para o leitor ocidental.

³ Sobre as categorias referenciais da comunidade político-religiosa aqui analisada, usarei neste trabalho o termo *melquita* quando for referir-me à Igreja e o nome *greco-católico* (em árabe: *rûm catholique*), como categoria atributiva para esta comunidade e seus membros. Essa separação pode ser notada nos nomes oficiais da igreja – Igreja Greco-Melquita Católica ou simplesmente Igreja Melquita – e da comunidade – registrada oficialmente no censo de 1932 como Comunidade Greco-Católica. Além disso, durante o trabalho de campo verifiquei empiricamente a utilização desses termos nessas situações.

⁴ A metodologia adotada nessa pesquisa foi a realização de trabalho de campo no Líbano entre dezembro de 2014 e março de 2018 numa grande variedade de espaços sagrados da comunidade melquita. No que diz respeito ao estudo específico no *Couvent Saint Sauveur* e no *Couvent Saint-Jean Baptiste*, utilizei a técnica antropológica de observação participante entre outubro de 2016 e março de 2017, onde eu pude participar integralmente da vida monástica. Além disso, utilizei também a técnica de entrevistas formais e conversas informais com os membros do clero e os visitantes dos monastérios e por fim, analisei os documentos históricos presentes na instituição bem como as suas regras.

proporcionados pela sua posição geográfica, já que tradicionalmente estão localizados no topo das montanhas; pela qualidade da performance ritual bem como pelo seu conteúdo imagético. (Van Doorn-Harder, 1995).

Nos países médio-orientais de maior diversidade cristã como a Síria, e, sobretudo o Líbano – país com o maior número fiéis e comunidades de toda a região (Eickelman, 2002) – os monastérios configuram não apenas locais de devoção e construção de identidades religiosas dos frequentadores, uma vez que sua importância se manifesta também no status simbólico relevante que adquirem para as comunidades religiosas de que fazem parte ou até mesmo para uma comunidade imaginada cristã no Oriente Médio. Essa relevância, com efeito, está associada à construção de identidades comunitárias assim como pela delimitação de fronteiras em relação às outras e, portanto, tornam-se fundamentais para a existência dessas confissões em tais contextos de pluralidade religiosa e cristã (Poujeau 2014, p.26).

Os monastérios analisados neste trabalho representam as duas instituições monásticas mais importantes da Comunidade Greco-Católica do Líbano. Esta posição de destaque se explica pela presença da maior parte dos elementos atrativos tradicionais nesses espaços sagrados mencionados acima bem como por suas características particulares. Dentre estas, destaca-se a sua condição de *lugares de memória* (Nora, 1985) da Igreja Melquita e também pelos seus símbolos dominantes⁵ (Turner, 1974) associados à cada um desses lugares e suas ordens religiosas: no caso do Couvent Saint-Sauveur, o antigo monge e padre Bshara Abou Mrad – conhecido como Abūnā Bshara – o qual está em processo de canonização; e no caso do Couvent Saint-Jean Baptiste, a presença da primeira imprensa em língua árabe do Oriente Médio.

A Igreja Melquita e sua religiosidade de interseção

Os monastérios Saint-Sauveur e Saint-Jean Baptiste, são vinculados, no contexto político-religioso libanês, à Comunidade Greco-Católica e, em nível mais amplo, à Igreja Greco-Melquita Católica da Antioquia e todo o Oriente, ou simplesmente Igreja Melquita. Esta é uma instituição religiosa de tradição bizantina que fazia parte do Patriarcado Greco-Ortodoxo da Antioquia até 1724, quando uma parte pró-católica decidiu se separar oficialmente e fundar uma igreja própria. A partir de então, essa Igreja tornou-se *uniata*,

⁵ De acordo com Victor Turner, símbolo dominante é o símbolo mais importante de um determinado ritual. Embora o autor utilize esse conceito em sua análise de ritual, neste trabalho eu adapto essa noção de símbolo dominante para referir-me aos elementos simbólicos mais importantes dos monastérios e ordens religiosas aqui examinadas.

isto é, vinculada ao catolicismo romano e obediente ao papa, enquanto que por outro lado, adquiriu junto à Roma o direito de possuir seu próprio patriarca e preservar as tradições bizantinas. (Hourani, 2001; Heyberger, 2014).

A estrutura eclesial e administrativa da Igreja Melquita é organizada a partir do seu Patriarcado, sediado em Damasco, capital da Síria; vinculado à esse, estão as arquidioceses e dioceses, concentradas em sua maioria na Síria e no Líbano, mas também, localizadas em outros países do Oriente Médio, Norte África e na Diáspora. Além dessas circunscrições, a Igreja Melquita conta uma pluralidade de paróquias e instituições espalhadas por todas as regiões e continentes. As instituições monásticas, como ordens e mosteiros também estão vinculados à Igreja, embora algumas delas, sobretudo as mais antigas como os mosteiros aqui estudados e suas respectivas ordens, gozem de certa autonomia administrativa em relação ao Patriarcado.

Com relação a tradição religiosa construída pela Igreja Melquita desde sua fundação, observa-se a combinação do rito bizantino com a presença de elementos latinos na doutrina, no ritual, e no imagético. Apesar da pretensão do clero desta instituição de preservar a sua bizantinidade, gradativamente esse objetivo foi modificando-se na medida em que essa instituição começava a incorporar elementos doutrinários e rituais latinos trazidos pelos missionários católicos ao Oriente Médio a partir do século XVIII. Nessa conjuntura, as lideranças religiosas melquitas passaram a adotar uma postura dupla: por um lado, permitiram determinadas inovações propostas pelos missionários, como por exemplo, a introdução do calendário gregoriano, no lugar do juliano, e a redução do tempo da missa em consequência do corte em determinadas orações e cantos. Por outro, ele tem buscado resistir a uma latinização exagerada com o objetivo de impedir uma descaracterização de suas tradições orientais bizantinas (Hachem 1995, Heyberger, 2014).

Portanto, é através desse movimento ambivalente que se forma a religiosidade melquita, concentrada na interseção entre esses referenciais religiosos distintos, característica que tem se tornado desde então a base da identidade oficial promovida pelos seus padres, bispos e patriarcas em suas igrejas no Oriente Médio e na diáspora (Hachem 1995, Edelby 2003). No Líbano, o esforço constante do clero para equilibrar essa religiosidade na interseção entre os referenciais latinos e bizantinos bem como a afirmação desta identidade tem sido fundamental para delimitar as fronteiras entre as outras comunidades cristãs do país, visto que, caso volte-se, por exemplo, muito para o lado bizantino, esta esbarra na comunidade greco-ortodoxa, por outro lado, caso

concentre-se muito na latinidade, ela enfraquece as suas fronteiras em relação à comunidade maronita, cuja religiosidade é a mais próxima da tradição latina entre as confissões cristãs libanesas.

A Comunidade Greco-Católica no Líbano

No Líbano, a Igreja Melquita, além de sua organização e função eclesiástica configura também uma estrutura sociopolítica haja vista a estrutura confessional oficializada no país desde a Independência em 1943. Nesse modelo libanês, as 18 comunidades ou confissões religiosas (em árabe: *ṭaifāt*; plural: *ṭawā'if*), majoritariamente muçulmanas e cristãs, dispõem, de ponto de vista social, de cada uma delas de um estatuto próprio, uma população confessional e um conjunto de instituições sociais (educacionais, caritativas, comunicação e sociabilidade). Do ponto de vista político, essas confissões assumem uma dimensão política uma vez que cada uma delas participa da distribuição de poder nacional através de posições no parlamento e cargos no executivo, a qual é proporcional ao tamanho da população e força política de cada comunidade. (Salibi, 1988; Norton, 1991; Traboulsi, 2007).

A Comunidade Greco-Católica, é uma das comunidades político-religiosas presentes no Líbano e representa a *ṭaifāt* cristã mais importante do país do ponto de vista social, político e populacional, estando atrás apenas dos maronitas e greco-ortodoxos, respectivamente. Nesse quadro, os greco-católicos, assim com todas as *ṭawā'if*, participam de uma competição por poder e visibilidade em nível nacional (Cammatt, 2015), e em nível particular, estão constantemente engajados em uma disputa com os maronitas e greco-ortodoxos por capital religioso, político e social dentro da comunidade cristã (Cruz, 2018).

O primeiro passo dos greco-católicos na competição interconfessional cristã é a luta por sua própria existência neste campo político-religioso⁶ a partir da afirmação de sua identidade confessional de interseção. Tal movimento por parte do clero tem sido fundamental, por exemplo, para resistir aos discursos coligidos por membros de outras

⁶ A noção de campo aqui utilizada segue a perspectiva de Pierre Bourdieu no que diz respeito às relações de força entre os agentes que competem por poder numa estrutura social determinada. Segundo Bourdieu, essas relações têm como objetivo o monopólio de poder, por isso seus agentes competem para a aquisição e mobilização de uma quantidade suficiente de capital simbólico para consolidar e legitimar sua posição social no campo. Em cada campo, há uma série de capital simbólico em disputa de acordo com a natureza de cada um deles. Por exemplo, no campo religioso, os atores sociais disputam poder e status através da busca de capital religioso, o mesmo se aplica aos campos político, social, científico e todos os outros. A utilização do termo campo político-religioso de forma conjunta se explica pela própria organização da sociedade libanesa haja vista a articulação entre as dimensões política e religiosa no sistema confessional libanês.

confissões cristãs, como no caso de uma frase proferida por um padre maronita de Beirute dizendo que: “a Igreja Melquita é apenas um acidente na história dos ortodoxos”. Por outro lado, a afirmação desta identidade confessional também é importante para reagir a produção de discursos de membros Comunidade Greco-Ortodoxa, principalmente do clero, os quais criticam as alterações doutrinárias e rituais realizadas pelos greco-católicos, afirmando que esta igreja deixou de ser bizantina e se tornou latina.

Nesse contexto, os espaços sagrados desta țā' ifat se tornam lugares relevantes para o posicionamento greco-católico na competição interconfessional em virtude de configurarem importantes arenas de performance de sua religiosidade e espaço existencial de sua identidade confessional. Dentre esses lugares de devoção, o monastério salvatoriano *Couvent Saint-Sauveur* e o chouerita *Couvent Saint-Jean Baptiste* assumem uma posição de destaque, não apenas pela intensidade da performance ritual⁷, conteúdo imagético e localização geográfica, comum à muitos monastérios, mas sobretudo pelas suas qualidades específicas que os colocam em um lugar especial na construção da memória coletiva e, por conseguinte, desempenham um papel nas identidades afirmadas pela Comunidade Greco-Católica.

Monastérios e suas características

Couvent Saint-Sauveur

O Couvent Saint-Sauveur é um monastério da ordem salvatoriana localizado na aldeia de Joun, na montanha do Chuf, no Monte Líbano, a uma distância de 13 quilômetros de Sidon, 48 quilômetros de Beirute, a uma altitude 406 metros e uma superfície de 1246 hectares. Sua população é de aproximadamente 7400 habitantes, e em termos de confissões religiosas, os greco-católicos são majoritários, mas representam uma minoria tomando como referência o território mais amplo, o qual é dominado pelos drusos no Chuf; sunitas em Sidon e um pouco mais distante xiitas em Tiro.⁸

Esse espaço sagrado se encontra no topo da montanha e isolado do restante da aldeia, sendo apenas cercado por uma vegetação composta de oliveiras, pinheiros e carvalhos e uma arquitetura em ruínas de tempos medievais. Na subida da montanha em direção ao

⁷ Sobre o tema da intensidade da performance ritual nos monastérios está no prelo o meu artigo “Ritual Melquita e dinâmicas identitárias dos cristãos no Líbano” que está em fase final de publicação na revista *Religião e Sociedade*.

⁸ Informações retiradas da página eletrônica *Localiban*, capturado em: <http://www.localiban.org/article4277.html>.

monastério, à aproximadamente 3 quilômetros do local, o visitante se depara com a disposição sequencial de ícones do Abūnā Bshara – símbolo dominante da ordem salvatoriana - os quais definem os limites dessa comunidade monástica para além da fronteira física da porta principal. Por meio dessas imagens, todo o caminho é qualificado e sacralizado, conduzindo os visitantes até as duas alamedas arborizadas nas laterais e também no meio, dividindo a pista para quem vai e vem do convento e marcam territorialmente a identidade melquita ou então a identidade cristã, já que esse espaço é reconhecido tanto pelo clero quanto por leigos como uma realização desta confissão ou da comunidade cristã no Líbano.

Na parte interior do monastério encontra-se logo no início uma biblioteca que dispõe de uma série de exemplares em árabe, francês e inglês à respeito de assuntos sobre a história do Cristianismo tanto Romano quanto Bizantino e também sobre a vida do Abūnā Bshara. Do lado esquerdo da porta de entrada encontram-se as salas administrativas do convento tais como a do superior, a tesouraria, e uma sala de reunião. Em todas essas salas estão expostas as imagens do Patriarca Laham, deposto em 2017, que é de origem salvatoriana, do Papa Francisco e do atual superior da ordem (reforçando a conexão dos fiéis e dos monges para com a Igreja Católica, a Igreja Melquita e com a Ordem Salvatoriana.

O corredor em que estão localizadas essas salas administrativas é interceptado na metade por outra via, chamada *Foundation Gallery*, que funciona como um museu tanto do seu lado direito quanto do lado esquerdo. O lado direito é contada a história de criação do convento e o lado esquerdo é dedicado a exposição dos acessórios e objetos pessoais do Abūnā Bshara, dentre elas está exposta a cama em que ele morreu no convento em 1930. O caminho que começa na *Foundation Gallery* vai terminar em outro corredor onde se encontra a igreja principal do monastério

O espaço ritual de sua igreja principal segue o padrão bizantino com uma iconostase (parede icônica que separa o santuário da nave) de madeira, cadeiras no intersepto (espaço entre o santuário e a nave onde ficam sentados os monges) e tradição arquitetônica que remonta à fundação da Igreja Melquita no século XVIII. No discursos dos frequentadores, são normalmente valorizadas como elementos de destaque da Igreja, o respeito a tradição bizantina, a beleza da pintura dos ícones, e principalmente, assim como pela presença sagrada do túmulo do Abūnā Bshara, considerado por todos no local como um santo.

Nos discursos dos frequentadores, foi bastante comum a expressão do vínculo com esse espaço sagrado com base na valorização de sua igreja principal. Entretanto, tal

identificação é resultado não apenas do seu conteúdo interno, mas também da sua paisagem externa, já que essa igreja localiza-se no terceiro andar, com saída para o terraço, onde encontra-se uma vista privilegiada de toda a região das montanhas de Joun e adjacências. Essa mistura entre beleza natural e conteúdo sagrado provoca um efeito místico nos fiéis, tal como é possível notar no seguinte trecho da entrevista de um muçulmano sunita:

“Eu venho para cá desde criança pois estudei aqui na Escola Saint-Sauveur, mesmo depois da escola eu continuo vindo pois eu sinto uma coisa diferente aqui, eu relaxo, sinto muita paz. O cheiro desta da igreja me faz muito bem. Eu não sei rezar como os cristãos mas de qualquer forma eu tenho fé aqui”.

Para além de ilustrar a importância do Couvent Sauveur na religiosidade desse frequentador, a entrevista com esse membro da comunidade sunita, nos chama atenção para outro aspecto relevante, que é a presença de um muçulmano em um espaço sagrado cristão. Eventualmente esse monastério recebe a visita de muçulmanos, já que a aldeia de Joun encontra-se em uma região cercada por muçulmanos sunitas do distrito de Sidon e xiitas, em Tiro. Diante disso, a frequência deste jovem mostra que a convivência entre cristãos e muçulmanos em alguns momentos nesses espaços, promovem uma união momentânea para além das diferenças entre eles o que é justificado na maioria dos casos pela devoção à um mesmo Deus.

As lideranças melquitas, por sua vez, utilizam a tradição desse monastério de receber constantemente frequentadores e visitantes muçulmanos para promover uma identidade política de mediador para o diálogo islamo-cristão, concorrendo dessa forma com os maronitas, os quais tem reivindicado um papel de liderança neste objetivo. A ideia de estabelecer essa relação conciliatória e de convivência intensificou-se após a guerra civil (1970-1990) no intuito de retomar o projeto até então fracassado de construir a nação libanesa (Kanafani-Zahar, 2004; Aubin-Boltanski, 2008). A referência do Couvent Saint-Sauveur como locus de construção desse *vivre ensemble* foi perceptível nos relatos circulados no local, na entrevista que realizei com o antigo Patriarca Gregório Laham e também no texto da Revista Lien⁹ em comemoração de 300 anos da ordem salvatoriana e deste monastério.¹⁰

⁹ Le Lien: Revue du Patriarcat Grec-Melkite-Catholique, N° 1-2/76e année, p.19, 2011.

¹⁰ A construção dessa identidade política de mediador do diálogo com os muçulmanos também pode ser comprovada a partir das instituições criadas para este objetivo, como o Centro para o Diálogo Islamo-

Couvent Saint Jean Baptiste

O Convento Chouerita Saint-Jean Baptiste é localizado na vila de Khenchara próximo à Choueir, no distrito do Matn, à uma distância de 30 quilômetros de Beirute, com uma altitude de 1070 metros. Sua população é de aproximadamente 2000 habitantes que em termos confessionais tal como em Joun é dominada por uma maioria greco-católica, mas tomando como referência o distrito do Matn e a região do Monte Líbano, à nível mais amplo, esta é minoritária em relação aos maronitas.¹¹

Este espaço sagrado está localizado no alto da montanha do Matn dando visibilidade para a Comunidade Melquita, através de seu prédio imponente neste distrito do Monte Líbano e marcando a sua identidade confessional nessa disputa territorial dominada pelos maronitas ou então a identidade cristã quando à referência é a oposição aos muçulmanos no território libanês.

Um pouco antes de chegar à entrada principal do monastério, o visitante pode observar ao seu lado direito um espaço amplo de plantação, onde são cultivadas as uvas e um armazém chamado *Cave du Monastère Saint-Jean*, no qual são produzidos vinhos branco e tinto, além do arak (bebida libanesa à base de álcool e anis) e licores, que são comercializados em toda a região. Essa vinícola é importante não apenas para a receita desse monastério, mas também para a economia de Khenchara e do distrito do Matn, e somado a isso, esse espaço se torna um ponto de atração para visitantes de todo o país.

A importância do *Cave du Monastère Saint-Jean*, do ponto de vista econômico, assim como da sua Imprensa - que atualmente é um museu - do ponto de vista histórico-cultural, articulado ao destaque no âmbito religioso faz com que o Couvent Saint Jean Baptiste como um todo seja uma referência para os moradores da região, que regularmente ocupam os espaços do convento, até porque mais da metade das terras de Khenchara é de propriedade chouerita e no vilarejo não há muitas outras opções de lazer e sociabilidade. Portanto, todo esse contexto favorece à integração dos habitantes das redondezas à este local e influenciando dessa forma sua prática religiosa e também a identidade confessional.

Quanto ao prédio principal do Couvent Saint Jean, existem duas entradas: a central e a lateral, pela igreja Saint-Nicolas, a qual é diariamente utilizada pelos fiéis para assistir

Cristão, criado pelo antigo bispo Salim Ghazzi, localizado em Sidon, e o Centro de Pesquisa para o Diálogo Islamo-Cristão, localizado no Instituto de Filosofia e Teologia Saint-Paul, localizado em Harissa.

¹¹ Informações retiradas da página eletrônica *Localiban*, capturada em: <https://www.localiban.org/article3495.html>.

às missas nas manhãs. A entrada principal é utilizada normalmente pelos visitantes e monges e logo início há uma parte com um *hall* no meio no qual são expostos ícones e produtos feitos no monastério, principalmente seus vinhos; do lado esquerdo encontra-se a secretaria e ao lado, de frente para a porta, está a loja de souvenir do convento, e no mesmo espaço encontra-se o escritório do superior do convento. Entre a secretaria e a loja de souvenir tem outra porta que leva ao corredor que termina na parte principal do convento onde estão localizadas na Igreja Saint-Nicolas, nas salas de sociabilidade, no refeitório e nas células dos monges e dos peregrinos.

A Igreja Saint-Nicolas é a mais importante do monastério em função de ser o local de realização das principais atividades religiosas (missas e vésperas). Esta, apresenta um estilo tradicional bizantino, com a presença da iconostase, feito de madeira assim como no Couvent Saint Sauveur, com as cadeiras (sedias) dos monges no intersepto (local intermediário entre a nave e o santuário) e uma abóboda decorada com pinturas da história da Igreja Melquita.

No primeiro andar, próximo à cozinha encontra-se também uma pequena igreja, Saint Jean Baptiste, com capacidade para receber no máximo 40 pessoas, a qual não tem iconostase, já que serve, principalmente, como local de oração e meditação. Saindo desse prédio em direção ao espaço da escola elementar desta ordem, encontra-se no meio do caminho a Imprensa Árabe fundada em 1726, sendo a primeira no Oriente Médio.

No prédio ao lado a este espaço principal, encontram-se duas capelas dedicadas à Virgem Maria, ambas com o nome de Notre Dame (*kanīsat alsaiyyidat*) onde em uma delas é celebrada uma missa em todas as quintas-feiras a missa. Esta capela, bem como a outra, é bem pequena, com uma capacidade para 40 pessoas e o seu estilo também é antigo, como no Cristianismo Primitivo. Porém, o conteúdo do seu espaço interno suscita importantes questões do ponto de vista analítico na comparação com a Igreja Saint-Nicolas. A pequena capela de Notre Dame dispõe de vários elementos associados à religiosidade popular latinizante com inúmeras imagens da Virgem Maria e, algumas de Jesus, em estilo latino e apenas um ícone bizantino dispostos em algumas mesas próximas ao altar, as quais são acompanhadas por uma pluralidade de velas, formando pequenos altares de devoção.

Na entrevista com uma senhora maronita, frequentadora deste monastério, além da sua identificação com a Igreja Saint Nicolas, ela enfatizou as características da Capela Notre Dame, a qual também influenciou o vínculo com o Couvent Saint-Baptiste: *A nossa pequena capela é a casa de Deus, é uma coisa muito natural, bastante calma, não é 100%*

bizantina, é latina também, o ícone da Virgem Maria é bem próximo dos ícones maronitas, é muito lindo. A igreja é perfeita, é calorosa, é o Céu na Terra.

Analisando esse trecho, inicialmente ela utiliza as categorias natural (ṭabī‘at) e calma (rawāq) fazendo referência à localização da capela e do monastério no topo da montanha. Além disso, esses termos também podem ser interpretados em função da arquitetura da Capela Notre Dame, que apresenta uma forma de caverna, representando assim como a localização geográfica um importante recurso topográfico que apresenta a conexão mística dos fiéis com determinados espaços, como chama atenção Robertson Smith em se tratando dos santuários de peregrinação (Robertson Smith, 1989).

Por outro lado, a partir da ênfase que ela dá a combinação de elementos bizantinos e latinos no espaço da capela, nota-se a importância da igreja de tradição greco-católica como um lugar de interseção para a atração de membros de outras confissões (Mahieu, 2010), já que sendo ela uma fiel maronita, as imagens de Virgem Maria, dos santinhos expostos no altar bem como as latinizações no ritual contribuí para que ela frequente os espaços sagrados de uma comunidade religiosa diferente da sua de origem.

Enquanto que no relato do muçulmano sunita que frequenta o Couvent Saint Sauveur foi destacado uma série de fatores atrativos de um monastério, o exemplo acima ilustra mais um elemento fundamental para a atração de fiéis, isto é, a característica de interseção desta religiosidade. Contudo, neste caso, sua eficácia é determinante apenas entre confissões cristãs. A confluência de elementos bizantinos e latinos, como é observado no Couvent Saint Jean Baptiste tem facilitado principalmente a presença de maronitas, os quais se identificam com os espaços melquitas pelo mesmo lado católico, e de ortodoxos, devido ao mesmo lado bizantino.

Monastérios, ordens religiosas e lugares de memória

O Couvent Saint Sauveur e o Couvent Saint Jean Baptiste são os monastérios principais (maison mère) das ordens salvatoriana e chouerita respectivamente. Em geral, ordens religiosas são formas de organização da vida monástica, na qual cada uma delas é formada por um grupo de monges ou freiras com um mesmo propósito religioso e uma regra comum.¹² Além das ordens há também as congregações, que se diferenciam das

¹² A divisão do monasticismo melquita em ordens religiosas trata-se de uma influência latina em sua estrutura e organização. Os monastérios ortodoxos continuam seguindo a tradição oriental e, portanto não são organizados dessa forma.

primeiras por não exigirem a confirmação de votos solenes (perpétuos), sendo necessário apenas o voto temporal, o qual permite um monge ou freira desistir da vida monástica¹³.

As ordens salvatoriana e chouerita surgiram no contexto de fundação da Igreja Melquita, período no qual as rivalidades se acentuavam entre os grupos pró-católicos e pró-ortodoxos dentro do Patriarcado Ortodoxo da Antioquia. Em consequência disso, a criação destas é resultado direto da intervenção dos missionários europeus, em particular os jesuítas, que propuseram a iniciativa junto ao clero pró-católico. Em seguida, o rápido crescimento destas ordens em função do impacto positivo nos fiéis fez com que o clero católico se fortalecesse dentro da Igreja Ortodoxa até a concretização da ruptura em 1724. (Heyberger, 2014)

A ordem salvatoriana foi fundada oficialmente em 1683 por iniciativa de Aftimys Saifi, Arcebispo de Tiro e Sidon, um dos principais representantes do grupo pró-católico no processo de criação da Igreja Melquita. O monastério, chamado Couvent Saint Sauveur, foi construído em um terreno em ruínas comprado na aldeia de Joun localizada no Monte Líbano, próximo à Sidon, e começou a ser habitado em 1721, quando a igreja e os primeiros alojamentos ficaram prontos. Junto deste espaço sagrado os salvatorianos ainda dispõem na região de seu convento principal, de uma escola e de um seminário - este último, distante apenas alguns quilômetros - e uma série de outros monastérios espalhados pelo país, pela Síria e também na diáspora.

Em uma conjuntura similar, o Couvent Saint-Jean Baptiste foi construído em 1697 e a ordem chouerita oficializada em 1700 a partir de uma divisão dentro do monastério ortodoxo de Balamand (norte do Líbano). Esta comunidade monástica surgiu quando um grupo de monges vindos de Alepo - cidade síria onde seu clero era na maioria pró-católico - sob a liderança de Georges Samman decidiu se separar dos ortodoxos e construir um convento na região Choueir em Khenchara, vinculado ao Catolicismo Romano. No espaço deste monastério foi inaugurada em 1733 a primeira imprensa em língua árabe do Oriente Médio, e tal como os salvatorianos uma série de outros conventos choueritas foram construídos ao longo do país, mas diferentemente dos primeiros, eles se limitaram ao território libanês.¹⁴

¹³ Informações retiradas da página eletrônica Católicos na Rede. Capturado em: <https://catolicosnarede.wordpress.com>.

¹⁴ As informações sobre o surgimento dessas ordens religiosas e seus monastérios foram adquiridas por meio das regras de ambas as ordens, dos panfletos disponíveis no local, das entrevistas com os monges e da página eletrônica da Igreja Melquita capturada em: http://www.melkitepat.org/melkite_greek_catholic_church/Religious-Communities.

O papel significativo dessas ordens religiosas no processo de fundação da Igreja Melquita se deu sobretudo pelo trabalho missionário desenvolvido a partir dos seus conventos principais. Era a partir dos monges que vivam nesses espaços sagrados, que começara um trabalho de divulgação das ideias pro-católicas em diversas regiões do país, as quais foram fundamentais para fortalecer uma comunidade de adeptos à ruptura com o Patriarcado Ortodoxo. Portanto, foi por meio de grupos pró-católicos sírios de Aleppo e Damasco, articulados àqueles residentes no território que atualmente é o Líbano que foi possível reunir forças para a criação desta instituição em 1724. (Heyberger 2014, 398-400).

Assim, a participação dessas ordens religiosas na fundação e nos primeiros anos da Igreja Melquita, e a sua antiguidade no que diz respeito às instituições comunitárias tem garantido desde então um status simbólico de *lugar de memória* na constituição da memória coletiva¹⁵ (Halbwachs, 1968) da Comunidade Greco-Católica. Segundo Pierre Nora, lugar de memória, em linhas gerais, é, “*o lugar onde se cristaliza se refugia a memória coletiva de um determinado grupo. A memória, portanto, se torna enraizada nesses elementos materiais ou imateriais conferindo uma aura simbólica e assim constroem comunidades e fortalecem os laços de identidade social de seus membros*” (Nora 1985, p.xvii-xxix).

De uma maneira geral, a memória coletiva da Comunidade Greco-Católica é comunicada aos membros da sua comunidade através de seus discursos e dispositivos de comunicação como a revista patriarcal *Le Lien*¹⁶ o almanaque (enciclopédia com todas as informações da comunidade) e a página eletrônica do patriarcado que constantemente associam em suas narrativas essas comunidades monásticas a história¹⁷ dos greco-

¹⁵ Entre os estudos acadêmicos dedicados ao tema da memória, a obra *Memória Coletiva*, do sociólogo Maurice Halbwachs, também é de extrema relevância para este artigo, sobretudo pelo destaque dado por ele ao papel do espaço sagrado e do seu conteúdo na construção da memória coletiva de grupos religiosos (Halbwachs 1968, p.92-93). Segundo ele, as religiões se constroem de forma sólida a partir de sua territorialização no espaço, já que é nele que é materializado um grande número de ideias e imagens que expressam o pensamento religioso e a memória de uma determinada coletividade. Nas palavras de Halbwachs, *a religião se expressa sob as formas simbólicas que se sucedem e se conectam no espaço sagrado* (Halbwachs 1950, p.104).

¹⁶ A *Revista Lien* editada em Beirute a partir de 1968 é um periódico trimestral do patriarcado melquita, cuja função é comunicar as principais informações da Igreja a nível mundial, além de discutir temas importantes do ponto de vista eclesial. O título Lien (ligação) pode ser interpretado em função da identidade religiosa política de mediador entre as confissões, sobretudo cristãs, que a comunidade vem assumindo de forma mais explícita após o Concílio do Vaticano II.

¹⁷ A relação entre memória e história se explica pelo fato da primeira ser o objeto da segunda, ou seja, como diz Jaques Le Goff, a memória é um nível de elaboração da história (Le Goff, 1990. p.40).

católicos do Líbano. Nesses dispositivos, são apresentadas sessões específicas sobre cada uma dessas ordens com textos que relatam a sua importância nessa fase inicial da igreja.

Com relação aos salvatorianos, o destaque é dado à figura de Aftmyius Saifi, que era bispo de Sidon, fundador da Ordem de Saint-Sauveur e do seu convento principal e participou ativamente do processo de ruptura com o Patriarcado Ortodoxo. Quando aos choueritas, as informações concentram-se na sua antiguidade, pois o sentimento pró-católico já era nutrido entre os monges do monastério ortodoxo de Balamand, localizado em Trípoli. Foram esses, portanto, que construíram o Couvent Saint-Jean Baptiste em 1697 com uma orientação greco-católica, antes mesmo da ruptura oficial.

Entretanto, apesar da tentativa do Patriarcado de comunicar uma memória coletiva que incluía a participação de ambas as ordens e seus monastérios, é relevante esclarecer que o processo de construção dessa memória não é um fenômeno homogêneo tampouco isento de conflitos (Pollak 1989; Portelli, 1991)¹⁸. Isso porque o canal mais eficiente de transmissão da memória tem sido os territórios associados a cada uma dessas comunidades monásticas. Ou seja, na região de concentração salvatoriana, como a cidade de Joun e adjacências, os fiéis melquitas tendem a valorizar a figura de Aftmyius Saifi ao passo que na região do Matn, local onde encontra-se o Couvent Saint-Jean Baptiste é comum a ênfase na antiguidade deste convento e da ordem chouerita.

Assim, conclui-se que a Comunidade Greco-Católica não apresenta apenas uma memória coletiva, e sim memórias coletivas, dentre as quais as mais relevantes são a salvatoriana e a chouerita, já que apresentam um raio de transmissão de maior destaque no universo desta confissão, haja vista o número de monastérios, paróquias, seminários e instituições de caridade ligadas à cada uma delas. Apesar disso, ambas podem ser consideradas *lugares de memória* da comunidade melquita do Líbano pois são usadas pelos seus membros como realizações dos melquitas do país, e portanto, como conteúdo de sua identidade confessional.

Monastérios, ordens religiosas e seus símbolos dominantes

A classificação, adotada neste trabalho, que define esses monastérios e ordens religiosas como lugares de memória da Confissão Greco-Católica, torna-se ainda mais sólida quando é analisado o papel dos símbolos dominantes dessas comunidades monásticas: o Abūnā Bshara dos salvatorianos e a Imprensa Árabe dos choueritas. Em ambos os casos, será demonstrado que há um investimento por parte do clero de cada

¹⁸ Quando digo conflitos de memória, refiro-me a constante disputa entre as duas comunidades monásticas sobre o papel determinante no processo de fundação da Igreja em 1724.

uma dessas ordens na transmissão da memória desses símbolos, os quais em nível mais amplo, associam-se com a memória dos melquitas ou até mesmo dos cristãos.

O Abūnā Bshara dos salvatorianos

O padre (Abūnā) Bshara é identificado nesta pesquisa como o símbolo dominante da ordem salvatoriana e um dos principais da Comunidade Greco-Católica por ser o único santo desta țā`ifat em processo de canonização. Bshara Abou Mourad nasceu em 1853 na cidade de Zahle e teve a sua trajetória ligada ao Couvent Saint-Sauveur por ter se formado como monge e padre neste espaço. A importância desse sacerdote na história desta ordem e também de confissão aqui estudada, se deu, de acordo com a biografia escrita por Raymond Sabbagh (2000) bem como nos discursos circulados sobretudo nos mosteiros salvatorianos, pela intensidade de sua vida ascética centrada na oração e no jejum, pelo trabalho missionário e caritativo e também por uma série de milagres a ele atribuídos.

A importância conferida ao Abūnā Bshara é observada no espaço dos mosteiros salvatorianos por meio de uma série de imagens e objetos que pertenceram a este sacerdote. Na aldeia de Joun, região onde está localizado o Couvent Saint Sauveur, a transmissão da memória associada a este sacerdote não se limita as fronteiras do mosteiro já que toda a aldeia é preenchida com imagens dele e quanto mais próximo do local um maior número é observado.

Na parte interna do Couvent Saint Sauveur, há uma imagem do Abūnā Bshara em cada ponto deste espaço sagrado, mas os pontos principais de transmissão de memória no local são a biblioteca, o museu e a igreja principal. Na biblioteca, como já mencionado, estão disponíveis uma série de hagiografias deste monge e um *dvd* em árabe, francês e inglês com a sua história de vida. No pequeno museu estão expostos os seus antigos pertences como a batina, bíblia, crucifixos e a cama. Na igreja principal encontra-se o seu túmulo com um ícone em cima e um livro para os fiéis escreverem suas petições.

A incorporação desta memória transmitida gera como consequência práticas devocionais de monges e leigos que sempre quando chegam próximo às imagens e objetos do Abūnā Bshara fazem o sinal da cruz e quanto entram na igreja principal do Couvent Saint Sauveur além de fazer o sinal cruz próximo ao seu túmulo, tocam neste e também na sua imagem, acendem uma vela, fazem uma oração em voz baixa, escrevem no livro, fazem novamente o sinal da cruz de frente para o túmulo e de frente para o santuário da igreja e depois saem.

Do ponto de vista discursivo, esta memória incorporada é transmitida através de relatos que enfatizam a importância desse monge como um símbolo não apenas dos salvatorianos mas dos melquitas em geral. E nos discursos de membros do clero, além desses referenciais, ele é concebido como um símbolo de todos os cristãos do Líbano.

Para ilustrar um desses discursos de membros do clero, cito um trecho da entrevista do Patriarca Gregório Laham concedida à jornalista francesa Charlotte D'Ornellas. Este sacerdote, que é de origem salvatoriana, reforça a ligação do Abūnā Bshara com a ordem salvatoriana e ao mesmo tempo destaca a sua importância para os cristãos orientais no sentido de que as virtudes espirituais demonstradas por este monge em vida, fez com que ele se tornasse um símbolo de devoção, identificação e união de todos os cristãos em um cenário adverso de dominação muçulmana.

Eu estou trabalhando bem concretamente para a beatificação do monge salvatoriano (como eu) Bshara Abou Mourad que é o nosso Santo Cura de Ars¹⁹. Ele realmente viveu como um “cura de Ars”. Ele morreu em 1933 e serviu em mais de vinte pequenas paróquias no Monte Líbano. Uma espiritualidade bastante profunda e o amor pelos pobres o define perfeitamente. O papa quis que nós tratemos o mais rápido possível os dossiês orientais porque nos nossos fiéis precisam mais que nunca de modelos e de motivos de esperança” (D'Ornellas 2016, p.36).

Em outro trecho dessa entrevista, o Patriarca Laham, repete o argumento que a canonização do Abūnā Bshara é fundamental para fortalecer os cristãos no Oriente Médio ao mesmo tempo reforça a importância dos melquitas nesse processo, através do discurso da missão assumida por sua Igreja.

Eu tento colocar toda minha energia para ajudar as famílias cristãs a ficarem aqui (no Oriente Médio). Nós temos uma missão a cumprir aqui, sobre essa terra, em um lugar dominado pelos muçulmanos. Não é sempre evidente

¹⁹ O santo Cura de Ars foi um padre francês, canonizado pela Igreja Católica em 31 de maio de 1925. Ars é um pequeno vilarejo no qual este padre, João Batista Maria Vianney serviu durante parte da sua sacerdotal.

mais é certo que todos os cristãos do mundo têm uma cruz a carregar: cada um tem um desafio a enfrentar, o meu é ajudar os meus fiéis a garantir a presença cristã na região. Nosso número é modesto, mas nossa influência é superior à nossa demografia e nossa missão é ainda mais importante (D'Ornellas 2016, p.36-37).

Embora nesse trecho o patriarca tenha enfatizado a sua atuação em benefício de todos dos cristãos orientais, por outro lado, ele afirma a identidade greco-católica por meio de um discurso de missão no sentido de unir os cristãos no Oriente Médio. Enquanto que em alguns contextos, a Comunidade Greco-Católica do Líbano aciona uma identidade política de diálogo com os muçulmanos por meio ênfase em denominadores comuns como um Deus único ou a nação libanesa, no caso do trecho acima, o objetivo é afirmar uma identidade cristã em oposição à muçulmana.

Este processo de construção identitária tem sido enfatizado pelos cristãos de maneira geral em momentos de maior tensão sectária com os muçulmanos, como no período atual em que os cristãos libaneses sentem-se ameaçados diante da expansão de grupos do Islã Político como o Estado Islâmico no Iraque e na Síria e a Irmandade Muçulmana no Egito, além do fluxo de refugiados em direção ao território libanês (Felsch 2016: 70-86). Diante disso, a memória do Abūnā Bshara torna-se fundamental para encorpar a identidade cristã afirmada pelo Patriarca Laham. E ao mesmo tempo em que é acionada essa identidade genérica ele também implicitamente enfatiza a relevância da Comunidade Greco-Católica e de sua identidade confessional.

O relato de um jovem sírio e sobrinho de um dos monges salvatorianos configura mais um exemplo da valorização da memória Abūnā Bshara como símbolo não apenas dos salvatorianos mas também da Comunidade Greco-Católica, além de ser um discurso relevante para ilustrar o envolvimento dos greco-católicos na competição interconfessional no Líbano. Na primeira vez que estive no Couvent Saint-Sauveur, este jovem que atuou como guia me mostrando todo o monastério, usou a maior parte do tempo contando a história deste monge e na parte final ele afirmou que o Abūnā Bshara é importante para os melquitas da mesma forma que São Charbel é para os maronitas. E quando perguntei sobre os ortodoxos, ele respondeu que estes herdaram todos os santos da história bizantina e por isso os melquitas precisam canonizar logo o seu santo, pois entre as comunidades de maior destaque no país a melquita é a única que ainda não tem seu santo, e este processo de canonização está muito demorado.

Sobre essa questão da demora no processo de canonização, a conversa com um professor universitário e antigo aluno do *Instituto de Filosofia e Teologia Saint Paul* deixa ainda mais clara a questão da disputa interconfessional: “o processo de canonização tem a ver com a força e expressão da comunidade, quando se trata de um santo maronita tudo é mais fácil e rápido porque eles são muito fortes, agora com os melquitas o processo é difícil e longo”.

Portanto, o acionamento da figura do Abūnā Bshara como um símbolo e um *sinal diacrítico ou signo manifesto* (Barth, 2000) da Comunidade Melquita, se dá sobretudo no contexto de competição com outras confissões, principalmente com os ortodoxos e maronitas, os quais já possuem seus santos próprios. Em se tratando da história compartilhada com os greco-ortodoxos até 1724, período em que os principais santos da Igreja Ortodoxa já estavam canonizados, os greco-católicos raramente destacam figuras como São Basílio, São João Crisóstomo, São Nectários como seus santos comunitários já que não representariam um sinal diacrítico melquita. Por outro lado, a afirmação desse santo e a luta pela canonização se inscreve no processo de competição com os maronitas, que possuem santos canonizados como São Marun e São Charbel e que estão expostos em todo o país dando uma visibilidade ainda maior para esta comunidade.

A Imprensa dos choueritas

A *Imprensa* em letras árabes foi construída no Líbano por uma iniciativa de Abdallah Zaher, um padre greco-católico vindo de Alepo em consequência das perseguições do patriarca greco-ortodoxo Silvestre o Cipriota no contexto de ruptura entre as duas instituições que deu origem a Igreja Greco-Católica Melquita. O projeto foi executado em parceria com o Padre Fromage, sacerdote francês que era o superior da missão jesuíta no Levante, e foi viabilizado mediante as doações vindas da Europa bem como de mercadores franceses residentes no Líbano. Inicialmente, os equipamentos importados da França, foram colocados no convento greco-católico de Antoura, em Zouk Mikael, mas logo em seguida foi transferido para o Couvent Saint Jean Baptiste, em Khenchara, em função de fornecer instalações mais amplas para o funcionamento desta imprensa árabe (Bacel 1908, p.281-287).

A importância dessa instituição se insere no contexto de construção da identidade confessional greco-católica no período inicial de sua fundação, quando a sua comunidade tentava delimitar as suas fronteiras com relação aos maronitas. Estes últimos estavam cada vez mais fortalecidos na ordem confessional que se desenhava no país no século

XVIII devido à sua aproximação com os missionários e com o governo francês nesse período da Era Otomana no Levante. Enquanto que por um lado os maronitas se inclinavam gradativamente para o mundo ocidental, valorizando a língua francesa, os greco-católicos em diversos contextos resistiram a esse processo de ocidentalização entre as comunidades católicas orientais ao se dedicar a um projeto de circulação de materiais impressos em língua árabe. Essa postura inicial, na qual os choueritas tiveram uma participação fundamental em razão de ter abrigado a Imprensa, foi confirmada no século XIX quando esta comunidade representada pelo escritor Nassif Yaziji a inscreveu no movimento nacionalismo árabe, em oposição ao nacionalismo libanês particularista dos maronitas (Antonius 1969; Salibi, 1988).²⁰

Estando localizada no distrito do Matn no Monte Líbano, em uma região dominada pelos maronitas, essa instituição, que atualmente funciona como um museu e também uma biblioteca, garante uma visibilidade para comunidade greco-católica e para o fortalecimento de sua identidade confessional não apenas no espaço regional, mas em todo o país tendo em vista que esse local se tornou uma importante atração turística do Líbano.

Na fase inicial do trabalho de campo quando estava fazendo um inventário das instituições a ser visitadas no intuito de conhecer esta comunidade, os seus membros de Beirute, cidade em que residia nos primeiros meses da pesquisa me aconselhavam a visitar a Imprensa, alegando ser um dos espaços principais dos greco-católicos devido à sua importância histórica, e todos que falavam desta, reforçavam o seu status de ser a primeira imprensa árabe do Oriente Médio.

Na fase inicial do trabalho de campo quando estava fazendo um inventário das instituições a ser visitadas no intuito de conhecer esta comunidade, os seus membros de Beirute, cidade em que residia nos primeiros meses da pesquisa me aconselhavam a visitar a Imprensa, alegando ser um dos espaços principais dos greco-católicos devido à sua importância histórica, e todos que falavam desta, reforçavam o seu status de ser a primeira imprensa árabe do Oriente Médio.

²⁰ A aproximação dos greco-católicos com o nacionalismo árabe mostra a postura ambivalente de sua comunidade com relação à confissão greco-ortodoxa e a maronita. Por um lado, com relação aos greco-ortodoxos, desde o processo de ruptura e as tensões políticas desencadeadas entre ambos, a *ṭā'ifat melquita* se aproximou politicamente, ao se aproximar dos maronitas diante da competição entre estes os ortodoxos e ritualmente, ao adotar práticas latinizantes em sua liturgia. Por outro, para reforçar as suas diferenças em relação aos maronitas, a confissão aqui estudada se aproxima do nacionalismo árabe, acompanhando os greco-ortodoxos.

Na entrevista feita com um greco-católico de 30 anos e morador de Khenchara, o Couvent Saint-Jean Baptiste é definido por ele como um lugar turístico e também religioso pertencente a Comunidade Greco-Católica. Em seu relato, é destacado em primeiro lugar que este monastério têm uma importância em todo o Líbano devido a “presença da primeira mais antiga imprensa do Oriente Médio” e em seguida ele destaca também como um atrativo do local a vinícola *Cave du Monastère Saint Jean* e diz que geralmente no inverno há shows no monastério com degustação de vinho.

Segundo este jovem, o conhecimento adquirido sobre a importância histórica da Imprensa e deste monastério como um todo foi adquirido por ele através da escola que estudava em Khenchara que enfatizava esse conteúdo nas aulas de história, além de organizar passeios e colônias de férias no Couvent Saint-Jean.

A partir deste exemplo é possível notar o investimento chouerita na construção da memória de sua ordem religiosa bem como da Comunidade Greco-Católica através da promoção de atividades turísticas que permitem o contato dos visitantes com este lugar de memória e seus símbolos mais importantes, com o destaque para a Imprensa, seu símbolo dominante. Além do mais, a transmissão da memória dos choueritas é apoiada por instituições educacionais, como destacado na entrevista acima, e também religiosas da cidade de Khenchara, estas últimas, são em sua totalidade, pertencentes à essa ordem religiosa.

Nos discursos dos membros do clero chouerita, a referência à Imprensa Árabe foi feita de forma ainda mais exaltada. Em uma conversa feita com o Arquimandrita (monsenhor) Charbel Maalouf, exarca patriarcal em Paris, na *Igreja Saint Julian le Pauvre*, pedi uma indicação sobre um monastério no qual pudesse me instalar para fazer o meu estudo sobre os greco-católicos. Ele, tendo sido um monge chouerita quando morava no Líbano, me indicou o Couvent Saint Jean Baptiste e como argumento valorizou a contribuição desta ordem em virtude de abrigar a Imprensa Árabe, que em suas palavras desempenhou um papel fundamental na história dos cristãos orientais. O mesmo discurso de valorização desta instituição foi coligido por um dos monges desse monastério: “*eu não acredito que você morando aqui no monastério ainda não foi visitar a nossa Imprimerie (Imprensa), ela é muito importante para história da nossa igreja, todo mundo quer vir aqui para conhecer, você está aqui e não viu ainda, não deixa de ir, vai te ajudar muito na sua pesquisa*”.

No que diz respeito ao discurso do monge chouerita citado acima, além da valorização da Imprensa como elemento importante na história da Igreja Melquita, ele também

destaca na parte “*todo mundo quer vir aqui para conhecer*”, que as relíquias desta imprensa, que atualmente funciona como um museu, configura um polo de atração multiconfessional, pois recebe não apenas melquitas de Khenchara, mas também de outras regiões do país, e também cristãos de outras confissões, principalmente maronitas e greco-ortodoxos.

O fato do monastério chouerita receber visitantes de várias confissões e de todas as partes do Líbano, assim como também é o caso do Couvent Saint Sauveur, faz com que esses espaços transmitam suas memórias particulares e, por conseguinte da memória melquita em um alcance de nível tanto local quanto nacional. Assim, diante dessa promoção mais ampla desses lugares de memória e de seus símbolos dominantes a comunidade tem afirmado a sua identidade político-religiosa no contexto confessional libanês e demarcado as suas fronteiras em relação as outras comunidades cristãs.

Considerações finais

A sociedade libanesa destaca-se por sua pluralidade religiosa e estrutura confessional na qual as 18 comunidades religiosas, também reconhecidas oficialmente como entidades sociopolíticas, lutam por delimitar suas fronteiras, afirmar suas identidades enquanto que competem por poder e visibilidade no contexto nacional. Nesse contexto os monastérios greco-católicos Couvent Saint-Sauveur e Couvent Saint-Jean Baptiste tem adquirido um papel fundamental nos processos de construção identitária da Comunidade Greco-Católica, os quais tem sustentado esta *ṭaifāt* no jogo confessional estabelecido no país.

A importância desses monastérios começa pela presença de características atrativas dos monastérios gerais como uma localização geográfica privilegiada, a beleza do conteúdo imagético e a qualidade da performance ritual. Inclusive os dois últimos elementos tem sido decisivos por permitirem a vivência da religiosidade de interseção que encorpam a identidade confessional afirmada por sua comunidade político-religiosa. Para além desses elementos, o Couvent Saint-Sauveur e o Couvent Saint-Jean Baptiste e suas respectivas ordens religiosas apresentam características particulares as quais estão associadas ao seu status de lugares de memória da confissão greco-católica. Essa condição especial é adquirida tanto por sua participação na história da Igreja Melquita quanto pela relevância de seus símbolos dominantes: o Abūnā Bshara dos salvatorianos e a Imprensa Árabe dos choueritas.

Diante disso, a Comunidade Greco-Católica utiliza discursivamente esses espaços sagrados seus símbolos territoriais e assim reforçam suas fronteiras em relação às outras *ṭawā'if*. Ademais, levando em consideração a presença tradicional de membros de outras

confissões nos monastérios aqui estudados, as lideranças greco-católicas se apropriam dessa realidade para definir esses locais como loci de convivência e união entre essas comunidades bem como símbolos da identidade político-religiosa cristã no Líbano.

Portanto, os dados adquiridos na pesquisa de campo e analisados neste trabalho, demonstram a relevância de um estudo concentrado nos monastérios, posto que, muito além da função de lugar de culto, esses lugares configuram espaços de construção de identidades bem como universos determinantes para dar sentido prático e, por conseguinte, garantir a existência de comunidades político-religiosas em um contexto multiconfessional.

Referências

- ANTONIUS, George. *The Arab Awakening: The story of the Arab national movement*. Librarie du Liban, 1969.
- AUBIN-BOLTANSKI Emma. « La Vierge, les chrétiens, les musulmans et la nation »: Liban 2004-2005, *Terrain*, 51, pp. 10-19, 2008.
- BARTH, Fredrik. “A análise da cultura das sociedades complexas”. In: *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.
- _____. “Os grupos étnicos e suas fronteiras”. In: *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.
- BACEL, Paul. « Abdallah Zakher et son imprimerie arabe ». In: *Échos d’Orient*, tome 11, n72, pp.281-287, 1908.
- BOURDIEU, Pierre. « Genese et Structure du Champ Religieux ». In : *Revue Francaise de Sociologie*, XII, 295-334, 1971.
- CAMMETT, Melani. *Compassionate Communalism: Welfare and Sectarianism in Lebanon*. Cornell University Press, 2015.
- DOORN-HARDER, Pieternella Van. *Contemporary Coptic Nuns*. University of South Carolina Press, South Carolina, 1995.
- D’ORNELLAS, Charlotte. *Ne nous laissez pas disparaître! : Un cri au service de la paix*. Groupe Artège, Paris, 2016.
- EICKELMAN, Dale. F. *The Middle East and Central Asia: an anthropological approach*. Prentice Hall, 2002.
- FELSCH, Maximilian. “The rise of Christian nationalism in Lebanon”. *Lebanon and the Arab Uprisings: In the eye of the hurricane*. Maximilian Felsch and Martin Wahlisch (Eds). Routledge, New York, 2016.
- HACHEM, Gabriel. *Primauté romaine et conciliarité dans l’évolution de l’Église Melkite catholique*. Essai de théologie historique, Thèse de doctorat, Université de Louvain, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. PUF, Paris, 1968.

- HEYBERGER, Bernard. *Les chrétiens du Proche-Orient au temps de la Réforme catholique: Syrie, Liban, Palestine, XVII – XVIIIeme siecle*. École française de Rome, 2014.
- HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das letras, 2001 [1991]
- KANAFANI-ZAHAR, Aïda. *Liban: Le vivre ensemble: Hsoun, 1994-2000*. Geuthner, 2004.
- KERBAGE, Elias Hachem. *A Igreja Greco-Melquita Católica*. Fortaleza: Editora Pouchain Ramos, 2015.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão. Editora da Unicamp, Campinas, São Paulo, 1990.
- MAALOUF, Charbel. *Entre L'Orien et L'Occident: Histoire de l'Eglise Saint-Julien-le-Pauvre, la Paroisse Grecque Melkite Catholique de Paris*. Edition du Jubilé, Paris, 2014.
- MAHIEU, Stéphanie. Icons and/or statues? The Greek Catholic Divine Liturgy in Hungary and Romania, Between Renewal and Purification. In: *Eastern Christians in Anthropological Perspective*. Chris Hann and Hermann Goltz (Eds). University California Press, Berkeley and Los Angeles, California, 2010
- NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Gallimard, Paris, 1985.
- NORTON, Augustus Richard. "Lebanon after Tai'f: Is the Civil War over?" In: *Middle East Journal*, Vol. 45, N. 3, summer 1991, pp. 457-473.
- POLLAK, Michael. "Memória, Esquecimento e Silêncio". In: *Estudos Históricos*, v.2, n.3, p.3-15, Rio de Janeiro, 1989.
- _____. "Memória e Identidade Social". In: *Estudos Históricos*, v.5, n.10, p.200-212, Rio de Janeiro, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. *The Death of Luigi Trastulli and other stories*. Albany: State University of New York Press, 1991.
- POUJEAU, Anna. *Des monastères en partage: Sainteté et pouvoir chez les chrétiens de Syrie*. Société d'ethnologie, Paris, 2014.
- SMITH, William Robertson. *Lectures on Religion of the Semites*. Third Edition, The Macmillan Company, London, 1989.
- SABBAGH, Raymond A. *Bshara Abou-Mourad Prêtre*. Editions du Renouveau, Beyrouth, 2000.
- SALIBI, Kamal. *A House of Many Mansions: The History of Lebanon Reconsidered*. University of California Press – Berkeley and Los Angeles, California – University of California Press, Ltd – London, England, 1988.
- TRABOULSI, Fawwaz. *A History of Modern Lebanon*. Pluto Press, London, 2007.
- TURNER, Victor Witter & Turner, L B Edith. *Image and Pilgrimage in Christian Culture*. Columbia University Press, New York, 1978.
- _____. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974. Petrópolis: Vozes, 1974.